

Em pratos limpos

Com o tempo, voltamos a ser o que éramos, e teve início a Guerra da Higiene

Por MARY ROACH

ERA O NOSSO primeiro encontro. Ed, o homem que se tornaria meu marido, levantou-se da mesa minutos depois de chegar e pediu licença para lavar as mãos. Achei encantador. Ele era como um guaxinim inclinando-se no rio para se limpar antes de comer. Ao mesmo tempo, achei estranho, pois normalmente jamais me ocorreria lavar as mãos antes da refeição, a menos que eu tivesse passado a tarde trabalhando numa mina de carvão ou manuseando uma prensa *off-set*.

Foi nesse mesmo jantar que tive a infeliz idéia de dividir minha filosofia sobre toalhas de banho, que é a de que elas não precisam ser lavadas com muita frequência porque estamos limpos quando as usamos.

Ambos notamos que tínhamos certa divergência em termos higiênicos e, sem querer alarmar um ao outro, passamos os primeiros seis meses tentando esconder quem realmente éramos. Ed não me contou que trocava o assento sanitário sempre que mudava de endereço, por “não saber



quem havia se sentado ali”. Nem falou nada quando usei a Esponja de Arear Superfícies para lavar louça e a Esponja de Lavar Louça para arear a banheira, atitude que agora sei equivaler a um ataque bioterrorista.

Quanto a mim, sempre que deixava cair comida no chão, jogava-a fora em vez de pegar e comer, e limpava o lugar em que havia caído, embora com a esponja errada.

Com o passar do tempo, voltamos a ser o que éramos, e começou a

Guerra da Higiene. Mais do que tudo, aquela era uma guerra de percepção. Ed detecta a imundície, e eu não. Ed a enxerga em todos os lugares. Estou convencida de que, na verdade, Ed vê até as bactérias.

Como qualquer casal normal, recusamo-nos a aceitar as diferenças e fizemos todo o possível para irritar um ao outro. Eu limpava os dentes com fio dental na cama e bebia direto da caixa de suco de laranja. Ed insistia em mudar as vitaminas do banheiro para a cozinha, onde aparentemente os germes são menos agressivos. Confessou que não gostava de me ver vestida com seu roupão porque eu não tirava a peça para me sentar no vaso.

– Não entra em contato com a água – protestei, embora, se contarmos o cinto como parte do roupão, isso não fosse de todo verdade.

– Não importa – rebateu Ed.

Ele tem a teoria de que tudo que encosta na privada, mesmo na tampa fechada – que de manhã costumo usar como penteadeira –, está sujo e fadado às leis sanitárias do Levítico.

Uma noite, num restaurante, a situação ficou crítica. Quando Ed voltou à mesa depois de lavar as mãos, falei para ele que não havia razão para aquilo, a menos que pretendesse tocar a comida e deixá-la em temperatura ambiente durante três ou qua-

tro horas antes de comer. Isso me fez lembrar de algo que tinha aprendido havia pouco tempo: nem o guaxinim se lava antes de comer. Segundo o especialista em animais silvestres David McCullough, o guaxinim não lava, apenas manuseia os alimentos. Faz isso mesmo sem água por perto. “É uma questão de tato”, explicou-me McCullough. “Eles têm patas muito sensíveis, e talvez estejam apenas satisfazendo uma necessidade de tocar o alimento.”

Contei isso a Ed. Ele me olhou como se quisesse me estrangular, e a McCullough também. Então acompanhei seu olhar até a verdadeira fonte de sua exaltação: o cozinheiro do restaurante. O homem tinha a

mão direita enfiada debaixo da axila esquerda e massageava o corpo, enquanto lia nosso pedido, preparando-se para contaminar o linguado de Ed.

“E daí?”, perguntei. “Ele está de camisa. Talvez tenha mãos sensíveis e esteja satisfazendo uma necessidade.”

Ed me chamou de maluca. Eu o chamei de anormal. Ele estava certo, eu estava certa. Decidimos que nos equilibrávamos e juntos formávamos uma entidade sã, normal, pelo menos comparada a... sei lá... aos guaxinins. Então Ed fez algo comovente. Inclinou-se e beijou minha mão, que ambos sabíamos não tinha sido lavada desde a noite anterior. ■

Ed me
chamou de
maluca. Eu o
chamei de
anormal. Ele
estava certo,
eu também.

Entre aspas

Dentro ou fora do ringue, não há nada de errado em cair. O erro é continuar caído.

—MUHAMMAD ALI

De todas as perguntas, 80% são afirmações disfarçadas.

—DR. PHIL MCGRAW
em *The Oprah Winfrey Show*

Somos o que repetidamente fazemos. A excelência não é um feito, mas um hábito.

—GLÓRIA KALIL na *Época*

Ficar aborrecido dá menos trabalho do que tomar uma atitude para acabar com o aborrecimento.

Todo mundo quer salvar o mundo; ninguém quer ajudar a mãe a lavar louça.

—P.J. O'ROURKE,
All the trouble in the world

A inteligência é uma habilidade básica que facilita o domínio de outras habilidades.

—AILTON AMÉLIO
em *O mapa do amor* (Editora Gente)

Bobos é como somos em nosso estado natural e sérios é algo que temos de ser até podermos ser bobos outra vez.

—MIKE MYERS
em *Inside the Actors Studio* (Bravo)

Deus escuta todas as preces. Algumas vezes atende com um “sim”; outras vezes atende com um “não”; e outras vezes, ainda, responde com um “você só pode estar brincando!”.

—JIMMY CARTER
em *Larry King Live* (CNN)

Uma pessoa que é simpática com você mas grosseira com o garçom não é uma pessoa simpática.

—DAVE BARRY, *Dave Barry turns 50* (Crown)

Quem disse?

A melhor ginástica para o meu corpo é viver.

- a) Danielle Hipólito
- b) Luciana Gimenez
- c) Hebe Camargo
- d) Dercy Gonçalves

—VEJA A RESPOSTA ABAIXO

(c) Hebe Camargo na *IstoÉ*